



SOBRE O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO EM AULAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Prof^a Dr^a Josilene Pinheiro-Mariz

Emerson Patrício de Moraes Filho

RESUMO – Este artigo busca apresentar um ponto de vista sobre o lugar do texto literário em aulas de línguas estrangeiras no âmbito do ensino-aprendizagem em nosso país. Identificamos a obra literária como um elemento *sine qua non* na promoção de comunicação autêntica em sala de aula e no desenvolvimento da competência intercultural do aprendiz, enquanto elemento imprescindível para a competência comunicativa. Além disso, a literatura contribui para a formação da personalidade humana (CANDIDO, 2002). Nesta pesquisa, realizada a partir de um questionário na plataforma do *google.docs* e enviado por e-mail aos participantes em todo o Brasil, obtivemos respostas de todos os estados e do Distrito Federal, revelando que a leitura literária ainda parece não ser uma prática comum quando se trata de ensino de línguas.

PALAVRAS-CHAVE – Leitura literária; ensino de línguas estrangeiras.

Introdução

Não é de hoje que os currículos pedagógicos dos cursos de licenciatura em Letras das diversas Universidades brasileiras têm sido objeto de discussão pelas mais

ABSTRACT – This article aims to present a point of view about the place of the literary text in foreign language classes in the field of learning in our country. We identified literary work as a *sine qua non* element in promoting authentic classroom communication and in the development of the learner's intercultural competence as an indispensable element for communicative competence. In addition, the literature contributes to the formation of the human personality (CANDIDO, 2002). In this search, conducted from a questionnaire on the *google.docs* platform and emailed to participants across Brazil, we obtained answers from all Brazilian states and the Federal District. The results reveal that literary reading still does not seem to be a practice common when it comes to language teaching.

KEYWORDS – Literary reading; foreign language teaching.

diversas causas, dentre elas, pode se citar um certo “engessamento”, que limita as possibilidades de atuação desses importantes centros de formação de professores. Várias pesquisas (OSÓRIO,



2018; DA COSTA PEREIRA, 2018; PHILIPPOV; SCHETTINI; SILVA, 2015; REZENDE; SILVA; LELIS, 2014; BAGNO, 2012) têm sido realizadas a fim de discutir a necessidade de reformas curriculares nessa área do conhecimento.

Nesse contexto, poder-se-ia fazer referências a determinadas inadequações existentes nesses cursos; assim, o que se percebe é uma séria separação dicotômica entre ensino linguístico e ensino literário que, por vezes, leva o estudante inserido no curso de Letras a escolher uma das grandes áreas de estudos; esterilizando, dessa forma, o diálogo entre língua e literatura no âmbito do ensino-aprendizagem. Tal discussão não é, por assim dizer, nova em nosso meio, desde o início deste século, pode-se ler, em especialistas, as numerosas inquietações sobre o tema, a exemplo de Brait (2000).

Além disso, ao longo da evolução do ensino de línguas o texto literário passou de uma posição privilegiada a uma posição periférica. Atualmente, esses textos ocupam um lugar bem periférico nos livros didáticos (LD). Os textos estão inseridos em rubricas gerais e não centrais de cada unidade e traz como consequência a opção dada ao professor de que pode se utilizar ou não de tais páginas (COSTA, 2003). Ademais, esses livros limitam, muitas vezes, o trabalho com textos literários à proposta tradicional dos exercícios de comentário e explicação de textos, além de exercícios de reformulação e reescrita (COSTA, 2003). Assim sendo, o tratamento dado ao texto literário nos LD acaba sendo igual a outros documentos autênticos, sem nenhum cuidado com o caráter literário com a obra.

Sabe-se que dentre os grandes desafios para os especialistas da didática de línguas está a necessidade de se superar um comportamento docente que não percebe o espaço do texto literário no ensino de línguas. Por esse prima, buscamos discutir pontos de vista dos professores de línguas estrangeiras e as abordagens propostas em relação ao trabalho com texto literário no contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (doravante LE). Trata-se, portanto de uma pesquisa que, no seu cômputo geral, consiste em analisar o olhar de professores de línguas sobre o ensino/aprendizagem LE de todo o Brasil, enfocando-se a abordagem da literatura no contexto de ensino de línguas estrangeiras.

Com o intento de apresentar considerações sobre a questão central deste artigo, na sequência, apresentamos algumas das bases teóricas de nossas reflexões, a fim de dar enfoque às ponderações sobre a visão dos professores de línguas em uma perspectiva que dá conta dessa realidade no Brasil.

O texto literário como espaço privilegiado para a formação intercultural em aula de LE

No ensino de línguas, o desenvolvimento de uma competência comunicativa não se trata apenas de ensinar o aprendiz uma quantidade de vocabulário ou fazê-lo apropriar-se de regras gramaticais, pois o conhecimento linguístico é apenas um dos componentes da competência de comunicação. Segundo o **Quadro Europeu Comum de**



Referência para as Línguas (QECRL, 2001) a competência comunicativa compreende, além dos componentes linguísticos, os aspectos sociolinguísticos e pragmáticos de uma dada língua-cultura. Isso posto, não se trata de conhecimentos paralelos ou justapostos, mas de conhecimentos complementares.

Diante disso, a pergunta que se levanta é: como construir no aluno uma competência comunicativa em um contexto de ensino exolíngua? Para esse objetivo, o **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas** (QECRL, 2001) preconiza que as atividades em sala de aula, tanto de recepção como de produção, sejam pautadas em “tarefas” que busquem se aproximar das situações reais de utilização da língua, isto é, situações autênticas de produção e de recepção (orais e escritas) da língua estrangeira (LE). Assim, o QECRL (2001) recomenda a utilização de documentos autênticos em sala de aula, ou seja, documentos que não são produzidos originalmente com uma finalidade pedagógica: publicidades, notícias, receitas, brochuras turísticas, textos literários, etc.

Nesse contexto, acreditamos que o texto literário (TL), pelas suas características específicas, oferece um espaço privilegiado na construção da competência intercultural em sala de aula. Pelos limites deste trabalho, trataremos apenas de duas das suas especificidades que o fazem um documento privilegiado no ensino de LE: a polissemia e os vazios deixados na obra.

Os objetivos de produção do TL são diferentes de todos os outros documentos autênticos. Uma notícia tem a função de informar, uma publicidade de vender, etc. Porém, qual a função do texto literário? É comunicar, ou seja, estabelecer um diálogo com seu leitor. Esse diálogo se estabelece por duas características específicas da literatura: a polissemia e os vazios deixados na obra. A polissemia, por permitir várias leituras possíveis, e não um sentido unívoco. Já os vazios deixados na obra pelo autor, intencionalmente, é um convite à contribuição do leitor a completar sua obra, que só se completa por meio da leitura (ISER, 1979). Portanto, a função do leitor de uma obra literária não é passiva, ou seja, de receptor, pois “não existe por trás do texto alguém de ativo (o escritor) e diante dele alguém de passivo (o leitor); não tem um sujeito e um objeto”¹ (BARTHES, 1973, p. 25). O leitor se vê implicado no texto, ele é interpelado pelo próprio texto.

Poderíamos nos perguntar, portanto, que vantagens essas características podem exercer no contexto de ensino/aprendizagem de línguas? Pelo fato de admitir várias leituras possíveis e de solicitar a contribuição do leitor para preencher os vazios deixados na obra, a leitura que cada leitor faz do texto diz muito mais sobre ele mesmo do que sobre o próprio texto, pois “cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo

¹ Il n’y a pas derrière le texte quelqu’un d’actif (l’écrivain) et devant lui quelqu’un de passif (le lecteur) ; il n’y a pas un sujet et un objet.



que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo” (COMPAGNON, 2001, p.146). Em sala de aula, esse processo se torna ainda mais enriquecedor, pois ao promover uma experiência de leitura compartilhada, isto é, uma socialização da leitura que cada aluno faz do texto, o professor pode permitir um verdadeiro diálogo intercultural:

Todo texto, por mais realista que seja não é nunca a realidade, mas sempre um *olhar* sobre a realidade, ou seja, uma representação inevitavelmente cultural e implicada na história, que dá dessa realidade um indivíduo em um dado momento, em um dado espaço. A leitura só seria, portanto, um olhar sobre (ou através) um outro olhar. Em literatura, essa leitura é por definição plural, em razão da polissemia dos textos e ela resultará, por consequência, em situação de sala de aula num processo de cruzamento de olhares que será tão complexo, em teoria, quanto mais leitores existirem, que esses leitores pertençam a culturas diferentes, etc² (SÉOUD, 1997, p. 138).

Por esse viés, pode-se dizer ainda que a literatura tem por finalidade tornar o sujeito um ser plural, capaz de se reconhecer em qualquer um e em qualquer lugar, pertencendo assim a todo o universo (ou a

lugar nenhum), se tornando um cidadão do mundo, um cosmopolita. Sobre isso, Kristeva (1988) afirma: “Estranhamente o estrangeiro habita em nós: ele é a face escondida da nossa identidade, o espaço que ruína a nossa morada [...]. De reconhecê-lo em nós, nós poupamos de detestá-lo nele mesmo”³(KRISTEVA, 1988, p.09). O texto literário é, portanto, o lugar por excelência do intercultural, é o espaço por excelência do reconhecimento de si e do outro.

Tendo mostrado a importância de se trabalhar com textos literários em aulas de LE, na próxima seção descrevemos os procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa.

Percursos de busca para compreender o lugar da literatura em aulas de línguas estrangeiras

Nossa pesquisa⁴ foi desenvolvida por meio de um questionário elaborado na plataforma do *google docs* (Formulários GOOGLE) e enviado para o e-mail dos participantes em potencial. Portanto, nossa pesquisa é de base documental, sendo constituída por 167 questionários. Os participantes dela são professores de línguas estrangeiras e de língua materna oriundos de todos os estados do Brasil e do Distrito

² Tout texte, si realiste soit-il, n'est jamais la réalité, mais toujours un *regard* sur la réalité, c'est-à-dire une représentation, forcément culturelle et impliquée dans l'histoire, que donne de cette réalité un individu à un moment donné dans un espace donné. La lecture ne serait donc qu'un regard sur (ou à travers) un autre regard. En littérature, cette lecture est par définition plurielle, en raison de la polysémie des textes, et il en découlera par conséquent, en situation de classe, un processus de coisement de regards, qui sera d'autant plus complexe, en théorie, qu'il y a plus

de lecteurs, que ces lecteurs appartiennent à des cultures différentes, etc.

³ Étrangement, l'étranger nous habite: il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure [...]. De le reconnaître en nous, nous épargnons de le détester en lui-même.

⁴ Ressaltamos que a realização desta pesquisa foi outorgada pelo Conselho de ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande, sob o parecer consubstanciado número 3.174.201.



Federal. A imagem 1 ilustra o número de participantes por estado da Federação.

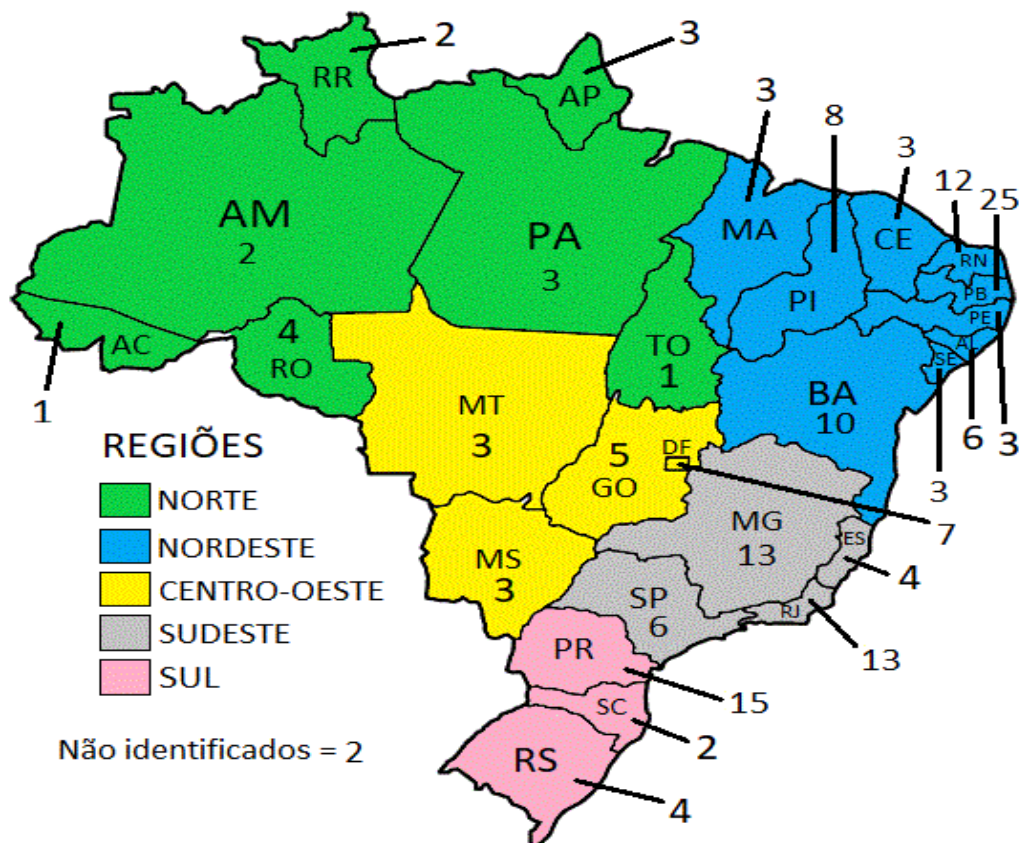


Figura 1

Número de participantes por estado
Fonte: dados da pesquisa 2019

Os professores participantes são representantes de 8 línguas distintas: 73 de língua inglesa; 56 de língua francesa; 27 de língua espanhola; 9 de língua portuguesa; 8 de língua alemã; 7 de língua italiana; 2 de língua brasileira de sinais (LIBRAS) e 1 de russo. O gráfico 1 ilustra a proporção de colaboradores em cada língua.

Esses professores atuam em escolas de nível básico, em universidades (públicas e privadas) e em cursos livres (Alianças Francesas, escolas de idiomas, cooperativas

de ensino de língua e associações) de todo o Brasil. Foram, então, 125 professores que atuam em universidades públicas (estaduais e federais); 3 professores em universidades privadas; 3 em escolas de aplicação; 2 em institutos federais; 11 em escolas de ensino básico (privadas e públicas); 25 em escolas de idiomas; 4 em cooperativas de ensino de línguas; e 2 como professores particulares. Quanto ao nível de escolaridade dos participantes: 22 possuem graduação; 5 possuem especialização; 16 são mestrandos;



31 mestres; 15 doutorandos; 67 doutores; 1 pós-doutorando e 10 pós-doutores.

Quanto à metodologia de análise, adotamos uma abordagem mista, que une os procedimentos da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa. No que concerne aos fundamentos teóricos em relação ao

trabalho com textos literários em aula de LE, nos baseamos nas contribuições de Séoud (1997), Albert e Souchon (2000), Pinheiro-Mariz (2007, 2008), entre outros.

Na próxima seção, apresentamos a análise dos dados.

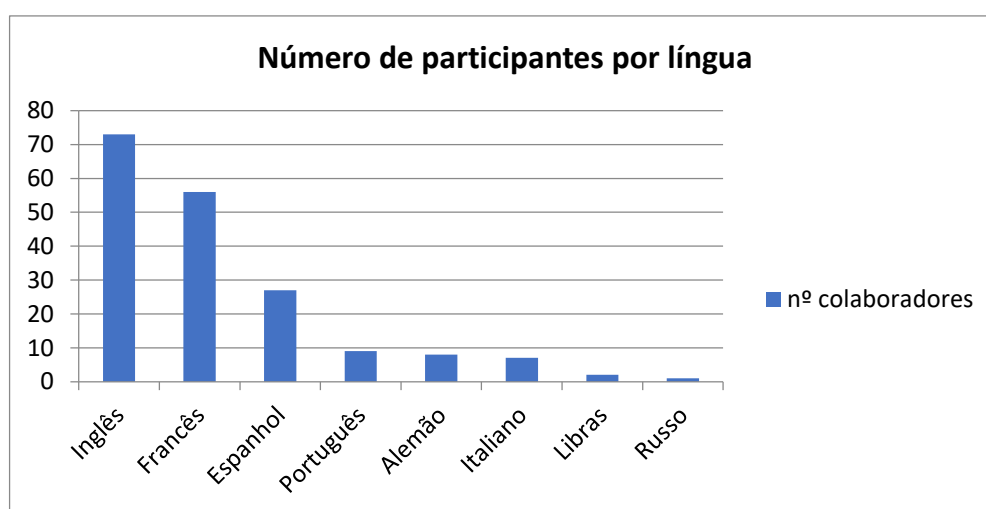


Gráfico 1

Número de participantes por língua
Fonte: dados de pesquisa 2019

Sobre a presença do texto literário em aulas de línguas

Em nosso questionário, buscamos identificar como os professores se veem diante do trabalho com texto literário em aulas de língua estrangeira. Dessa forma, elaboramos uma questão fechada, cujo enunciado era o seguinte: **em relação à abordagem do texto literário em aula de língua, marque a alternativa que melhor define sua prática.** Dentre as alternativas de respostas, colocamos seis, a saber: **1)**

nunca utilizo, pois acho que os alunos terão dificuldade de compreender; 2) nunca utilizo, pois não sei como trabalhar com esse tipo de texto; 3) às vezes utilizo para ensinar vocabulário ou gramática; 4) às vezes utilizo para promover discussão sobre um tema específico; 5) não utilizo, pois não dou aula de literatura; e, 6) nenhuma das alternativas anteriores. O gráfico 10 ilustra a proporção das respostas marcada pelos professores para cada alternativa:



11. Em relação à abordagem do texto literário em aula de língua, marque a alternativa que melhor define a sua prática:

167 respostas

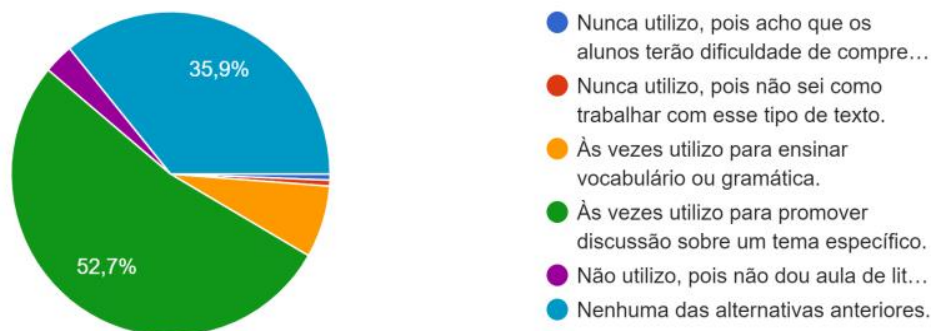


Gráfico 2

O texto literário em aula de LE

Fonte: dados de pesquisa 2019

Como se pode ver no gráfico acima, a resposta mais marcada pelos participantes foi de que “às vezes utiliza o texto literário em sala de aula para promover discussão sobre um tema específico”, marcada por 88 professores ou 52,7% do total. Em seguida, a segunda opção mais marcada foi “nenhuma das alternativas anteriores”, marcada por 60 professores ou 35,9% do total. A terceira opção mais citada, correspondendo a um total de 7,2% (12 professores), foi: “às vezes utilizo para ensinar vocabulário ou gramática”. Na sequência, apenas 5 professores (3%) marcaram a opção “não utilizo, pois não dou aula de literatura”. Por fim, as opções “nunca utilizo, pois não sei como trabalhar com esse tipo de texto” e “nunca utilizo, pois acho que os alunos terão dificuldade de

compreender” foram marcadas apenas uma vez, cada uma.

Cada uma das opções marcadas pelos participantes foi seguida de justificativa. Assim, entre os 52,7% dos professores que marcaram a opção “às vezes utilizo para promover discussão sobre um tema específico”, as justificativas foram muito diversificadas. Alguns professores responderam que o texto literário promove, em sala de aula, uma situação de comunicação autêntica.

Esta opinião está expressa nos excertos a seguir:

A discussão sobre temas variados é a melhor forma de aprendizado de uma língua, pois o foco é na comunicação real que surge a partir da leitura e da discussão que segue. (P-24)⁵

⁵ Todos os participantes foram identificados como P mais o número de identificação, que foi aleatório, de acordo com a chegada das respostas.



O texto literário permite o uso da língua em realidade. Pode ter dificuldades no caminho, mas faz parte do aprendizado. (P-54)

Esses professores ressaltam que o recurso ao texto literário permite um contexto de comunicação autêntica em sala de aula. Portanto, em vez de se recorrer a atividades artificiais de comunicação, como nas simulações de diálogos – que são bem recorrentes nos métodos comunicativos –, cria-se atividades de discussões reais em torno do texto, no qual quem se coloca em cena é o próprio aluno (e não um personagem), com seus próprios valores, identidades e subjetividades.

Na sequência, outra justificativa bastante citada pelos professores para se recorrer ao texto literário em aula de língua, além de promover discussão sobre um tema específico, é para se ensinar vocabulário e gramática, como se pode perceber nos excertos a seguir:

A diversidade dos temas literários é propícia para uma abordagem diferenciada em sala de aula, servindo não apenas para a temática, mas também pela questão do vocabulário e da gramática. (P-1);

Na verdade, utilizo com bastante frequência. O texto literário se constitui como uma riquíssima fonte de temáticas a serem abordadas na sala de aula como de exemplos gramaticais e de vocabulário. Por que não unir as duas coisas? Além disso, acho que o texto literário também possibilita o prazer estético, algo que outros gêneros dificilmente conseguem fazer. (P-26);
Sempre que possível procuro mostrar textos literários para ensinar vocabulário e, ao mesmo tempo, promover

discussões, por exemplo, sobre contatos culturais. (P-47);

No ensino médio, dependendo do perfil da turma, trabalho textos literários para promover discussões acerca de questões sociais, e também trabalhar alguns tempos verbais e vocabulário. Além disso, procuro fazer com que os alunos tenham prazer em ler os textos propostos. (P-51);

Utilizo poemas, pois posso trabalhar a fonética pela musicalidade, o contexto histórico e, eventualmente, algumas estruturas da língua. (P-109).

Como se percebe nesses excertos, o recurso ao texto literário por esses professores é justificado para se ensinar vocabulário, gramática e fonética da LE (no caso dos poemas), além de se promover discussão sobre um tema específico. Essas formas de trabalhar com o texto literário em aula de língua implicam duas posições problemáticas, segundo Albert e Souchon (2000): ou o banalizamos, ao negar o que constitui sua especificidade, ou o sacralizamos, para fazer dele um “modelo” da língua, o que em nenhum dos dois casos é algo desejável para o ensino.

Outros professores que também marcaram a opção “às vezes utilizo para promover discussão sobre um tema específico” justificaram com outros argumentos. Algumas das justificativas mais recorrentes são: para se ensinar aspectos culturais da língua-cultura alvo; para exercitar a compreensão textual e a expressão oral; para criar o hábito e o prazer da leitura no aluno; para apresentar aos alunos a variedade de textos que circulam na sociedade, etc.

Além de justificar a utilização de textos literários em sala de aula, alguns professores



falam da falta de preparo dos professores de língua para trabalhar com esse tipo de texto em sala de aula. Outros falaram também da precária formação dos professores em literatura e da compartimentalização disciplinar nas universidades.

Além das dificuldades na própria formação dos professores, alguns participantes citaram os obstáculos inerentes ao contexto de sala de aula de língua estrangeira: carga horária reduzida; ausência ou escassez de textos literários nos manuais didáticos; dificuldade de se trabalhar com TL em sala de aula; baixo nível linguístico dos alunos.

Na sequência, dos 35,9% dos participantes que marcaram a opção “nenhuma das alternativas anteriores”, as justificativas também foram muito diversificadas. Desses, 6 professores disseram nunca ter trabalhado com uma obra literária em suas aulas de língua. As justificativas para tal fato são as seguintes:

Não levei ainda porque não encontrei o espaço necessário, uma vez que temos que seguir com o livro.

Sendo assim, sinto como se faltasse essa brecha. (P-4);

Não utilizo, pois trabalho apenas com turma de ensino fundamental, e penso que meus alunos ainda não adquiriram recursos em LE que lhe permitam compreender textos literários. (P-55);

Embora ache essencial, somos sempre engolidos pelos métodos que usamos e pelo calendário escolar. É imprescindível que a literatura esteja inserida no currículo da língua para que seja utilizada de fato, e que não seja uma opção do professor. Sendo assim, infelizmente, NUNCA utilizei texto literário em minhas aulas. (P-68);

Não utilizo, pois muitos alunos esperam aulas voltadas para conversação, e mesmo que utilizasse textos literários, alguns deles se questionariam acerca da utilidade de tais textos para o dia a dia; mas tenho vontade de usar sim e já usei recursos afins. (P-78);

Nunca utilizo, por opção mesmo, pois acredito que os alunos não teriam dificuldade de compreender (se eu o fizesse). (P-159).

São muitas as justificativas utilizadas para se explicar o não recurso ao texto literário em aulas de língua. P78 revela a visão de que falta utilidade para o texto literário no ensino de língua estrangeira. Essa ideia é muito partilhada entre os estudantes, até mesmo entre professores. No entanto, essa visão é limitada e preconceituosa. Limitada porque os objetivos do ensino de línguas não se resumem em adquirir apenas competências linguísticas na LE: os conhecimentos socioculturais e pragmáticos também são muito importantes e os textos literários são uma rica fonte cultural da língua alvo. Também, é uma visão preconceituosa porque implica dizer que o texto precisa ter uma utilidade prática para ou “dia a dia” do aluno, isto é, uma utilidade pragmática. Vale salientar que os efeitos produzidos pelo texto literário no sujeito, muitas vezes, não são mensuráveis nem perceptíveis de imediato, porém isso não significa dizer que são menos importantes. A literatura contribui para a formação da personalidade do sujeito e permite uma formação humana (CANDIDO, 2002).

Existem também motivações de ordem pessoais para não se utilizar de textos literários em sala de aula, como apontado por P159: por falta de vontade. Muitos



professores de língua, por irônico que pareça, não gostam de textos literários e preferem não trabalhar com esse tipo de texto em suas aulas. Essa postura, a nosso ver, decorre muito mais de uma falta de experiência com a leitura literária do que, de fato, de uma aversão ao texto literário. Com afirmação Séoud (1997, p. 117) citando Pennac, alguém que não gosta de ler é alguém que acredita não gostar de ler.

Em contraste a essas respostas, vários professores afirmaram utilizar sempre ou frequentemente textos literários em suas aulas. Dentre as razões para se trabalhar com esses textos e a abordagem utilizada, encontram-se as seguintes:

Utilizo abordagem literária constantemente, por meio de textos de diversas naturezas, complexidade e tamanho, a fim de promover uma abordagem cultural mais apurada (P-11); Sempre uso literatura. Acho a melhor maneira de viver o novo sistema linguístico e cultural na sala de aula, fornecendo milhares de possibilidades de projetos e engajamentos fora do próprio texto para se envolver com a língua de forma dinâmica e autêntica. (P-18);

Utilizo MUITAS VEZES, pois a literatura reflete aspectos históricos, sociais e culturais fundamentais na aprendizagem de outra língua. Além disso, a língua literária enriquece o vocabulário e o estilo do aprendiz na língua alvo. (P-23);

Não utilizo somente às vezes, mas todas as vezes em que me é possível; a partir da literatura, é possível ensinar a estrutura linguística de um idioma percorrendo as quatro habilidades. (P-35);

Utilizo com frequência e com as mais diferentes abordagens, mas sempre partindo da percepção dos alunos do que o texto trouxe. (P-49);

Sempre utilizo pela estética, pela emoção, pela cultura e pela aproximação com algum tema específico do conteúdo. (P-52);

Eu utilizo a literatura com frequência para trabalhar a leitura, a escrita, as especificidades da linguagem e os hábitos, entre outros aspectos. (P-79);

Utilizo frequentemente para ampliação de vocabulário, mas mais precisamente para desenvolver a sensibilidade, o senso crítico e criativo. Todo o texto trabalhado termina com uma criação própria, ou coletiva. (P-138).

Como se percebe, as razões apontadas pelos professores para se abordar textos literários em aula de LE e as abordagens utilizadas para o trabalho com esses textos são muito variadas. Alguns professores citam os aspectos culturais, sociais e históricos como objetivos da aprendizagem mediada por esses textos. Outros citam alguns aspectos mais específicos ao texto literário, como o estilo, a emoção, a sensibilidade, e a criatividade como elementos importantes a serem abordados.

Além dessas justificativas, alguns professores afirmaram utilizar textos literários em suas aulas de língua pelo fato de serem professores das duas disciplinas: língua e literatura. Outros professores, por sua vez, afirmaram já ter trabalhado com textos literários em suas aulas, mas que essa prática não é recorrente. Já outros afirmaram incentivar os alunos a lerem textos literários.

No que concerne aos professores que marcaram a alternativa “às vezes utilizo para ensinar vocabulário ou gramática”, essa opção foi marcada por 12 professores ou



7,2% do total. Desses, encontramos as seguintes justificativas:

A utilização de poemas é importante para aquisição de vocabulário e compreensão de algum aspecto gramatical da língua. Utilizo também como inspiração para a escrita de poema. (P-42);

Não estou acostumado a usar esse tipo de documento. Trabalho mais com documentos autênticos tirados de jornais e revistas. Posso usar documentos da literatura a pedido de colega que ensina literatura. (P-69);

Quando utilizo, é para abordar questões específicas da língua. (P-90);

Semestralmente uso um clássico da literatura em versões “abridge”. Usamos para aumentar vocabulário, bem como para interpretações textuais. (P-120);

Também utilizo para discussão sobre um tema específico. (P-128);

A abordagem de textos literários em aula de língua estrangeira é frequentemente proposta pelos professores para fins de aquisição de vocabulário e aprendizagem de pontos gramaticais, como se percebe nesses excertos. Esse tipo de abordagem é bastante criticada pelos teóricos da didática de línguas porque, por um lado, reduz o texto literário a um simples acervo de unidades lexicais e estruturas gramaticais. Por outro lado, negligencia o caráter discursivo da obra literária.

Na sequência, 5 professores (3% do total) marcaram a opção “não utilizo, pois não dou aula de literatura”. Dentre as justificativas destacamos as seguintes respostas:

Vou repensar a possibilidade de inserir alguns textos literários nas minhas aulas. Como sou da área da Linguística Aplicada e há professores para ministrar

as disciplinas específicas de literatura mais para o final do curso, não utilizo textos literários. (P-74);

Apesar de ter estudado literatura na graduação, eu particularmente nunca gostei muito de literatura. Então, não me sinto segura para trabalhar com esse tipo de texto em sala sem, por exemplo, reduzir o texto literário a um simples meio de ensinar algum tópico linguístico, por exemplo, sem explorar também as riquezas que um texto literário possui. Por isso, acabo preferindo não usar. (P-150).

Como se percebe nessas respostas, fica claro novamente a existência de uma separação muito marcada entre língua e literatura. Em consequência, os professores de língua preferem, muitas vezes, não utilizar textos literários em suas aulas porque “não lhes compete” ou porque “não é a área deles”. Essa separação, como já mencionado anteriormente, é reflexo da própria estrutura curricular dos cursos de Letras, que compartimentaliza as disciplinas de língua e de literatura, sem estabelecer pontes entre elas.

Por fim, apenas um professor marcou a opção “nunca utilizo, pois acho que os alunos terão dificuldade de compreender” e outro marcou a opção “nunca utilizo, pois não sei como trabalhar com esse tipo de texto”. O professor que disse nunca utilizar texto literário em suas aulas por achar que os alunos terão dificuldade, justificou esta resposta com as seguintes palavras:

A realidade da maior parte dos meus alunos é de nunca terem estudado o Inglês. Então, acredito que seja muito difícil pra eles trabalhar com um vocabulário mais rebuscado, como é o



caso da maior parte dos textos literários.
(P-98).

A atitude desse professor diante do texto literário é algo muito recorrente entre os professores de LE, que prefere relegar o texto literário para os níveis mais avançados, onde eles poderão apreciá-lo em toda sua complexidade. Essa postura se justifica, por um lado, pois sabemos que a linguagem literária, muitas vezes, é de difícil compreensão, sobretudo, para estudantes iniciantes. Conquanto, esse contato precoce com o texto literário em LE pode ser uma boa ferramenta para explorar as competências de leitura dos alunos adquiridas em LM.

No que concerne ao professor que afirmou nunca utilizar textos literários em suas aulas por não saber como trabalhar com esse tipo de texto, sua justificativa foi a seguinte:

Trabalho mais com textos autênticos do cotidiano e não literários. (P-6).

Percebe-se na resposta desse professor que ele se sente mais à vontade trabalhando com outros tipos de textos autênticos do que com o texto literário. Isso evidencia seu despreparo no que concerne ao conhecimento de uma abordagem adequada ao trabalho com esse tipo de texto em contexto de ensino de LE. Na academia, as disciplinas de literatura estão voltadas para a crítica e para a análise literária, sem se levar em consideração o fato de que, ao saírem da universidade, os professores atuarão como professores de LE em escolas de idioma.

Considerações finais

À guisa de conclusões, baseados nos dados analisados, identificamos que a maioria dos professores afirmou trabalhar com TL em sala de aula. Dentre as respostas mais citadas estão: para promover discussão sobre um tema específico; para se ensinar aspectos culturais da língua-cultura alvo; para ensinar vocabulário e gramática; para fazer exercício de compreensão textual e de expressão oral. Alguns participantes também afirmaram nunca ou raramente trabalharem com textos literários em aulas de LE e dentre as justificativas mais citadas estão: a falta de tempo e de espaço no programa disciplinar; prioridade sobre outros tipos de documentos autênticos e a falta de motivação ou de preparo. Outro dado muito relevante encontrado na análise é que vários professores que afirmaram trabalhar com textos literários em aulas de LE também disseram dar aulas de literatura, isto é, são professores das duas disciplinas: língua e literatura.

No que concerne à abordagem do texto literário em aulas de LE, percebemos que há uma forte relação entre a formação dos professores e as suas práticas didáticas. Nesse sentido, notamos que a separação entre língua e literatura existente no âmbito acadêmico repercute em uma prática mais distanciada do texto literário por parte dos professores de LE. Assim, os professores de língua preferem, muitas vezes, não utilizar esses textos em suas aulas porque “não lhes compete” ou porque “não é a área deles”. Em contrapartida, os professores de LE que também são professores de literatura se

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. X N° 26 DEZEMBRO/2019
ISSN 2177-2789



sentem mais à vontade e motivados para recorrerem ao TL em aulas de língua.

A separação dicotômica entre língua e literatura nos cursos de Letras Estrangeiras Modernas tem um efeito negativo sobre as

representações de ensino e sobre as práticas docentes. Reiteramos, dessa forma, a necessidade de se repensar a estrutura curricular desses cursos, a fim de promover um maior diálogo entre língua e literatura.





REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, M-C; SOUCHON, M. **Les textes littéraires en classe de Langue**. Paris, Hachette, 2000.

ARRUDA, L. D. **O lugar do texto literário na formação do professor de francês: um estudo de dois currículos universitários brasileiros**. 2016. 159f. Dissertação (mestrado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras neolatinas, Rio de Janeiro, 2016.

ATAIDE, D. P. de. A leitura de textos literários nas aulas de língua inglesa: desencontros entre teoria e prática. In: **Revista X**. v° 1. UFPR. 2016. p.118-137.

BAGNO, M. **Curso de Letras? Pra quê?** Conferência de abertura do VII EBREL - Encontro Brasiliense de Estudantes de Letras (Brasília, UnB). 2012. Disponível em: <http://linguagemdocencia.blogspot.com.br/2012/11/curso-de-letas-pra-que-conferencia-de.html>. Acesso em 20 ago. 2018.

BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Éditions du Seuil. Paris, 1973.

BRAIT, BETH. Língua e Literatura: uma falsa dicotomia. **Rev. ANPOLL**, São Paulo, n.8, p.187-206, jan./ jun. 2000.

CANDIDO, A. O direito à literatura In CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**; seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas cidades Ed.34, 2002.

COMPAGNON, A. “O mundo”. In: COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COSTA, H. B. de A. Ensino do francês língua estrangeira e os textos literários nos manuais didáticos. In: **Estudos Linguísticos**. v.32. São Paulo, 2003.

DA COSTA PEREIRA, M. Z. REFORMAS CURRICULARES: avanços, resistências e desafios. In: **Revista Espaço do Currículo**. vol.1 n°01. 2018.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, H. R. et al. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.



OSÓRIO, M. R. V. Diretrizes Curriculares e Professores Formadores: que relação é essa?. In. **Revista Educação Real**. Vol.43 n°1. Porto Alegre: 2018.

PINHEIRO-MARIZ, J. **O texto literário em aula de francês- língua estrangeira (FLE)**. 2007. 284 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PINHEIRO-MARIZ, J. Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE). In. **Revista Eutomia**. Vol.1 n°02. 2008.

PHILIPPOV, R. ; SCHETTINI, R. H. ; SILVA, K. A. da. **Integrando e Desencapsulando Currículos do Ensino Superior**. Pontes Editores. Coleção: Novas perspectivas em Linguística Aplicada. Vol.45. Campinas: 2015.

REZENDE, V. M. ; SILVA, M. V. ; LELIS, Ú. A. De. Currículo, conhecimento e poder: desafios contemporâneos para as reformas curriculares e o trabalho docente. In. **Revista E-curriculum**. Vol.12 n°1. 2014.

SÉOUD, A. **Pour une didactique de la littérature. Langues et Apprentissage de Langues**. Didier, Paris, 1997.

SILVA, M. J. F.; PEREIRA, C. C. A inserção do texto literário em aulas de e/le the inserting of the literary text in e / le lessons. **Revista Ensino Interdisciplinar**. V. 3, n°. 07. Mossoró; RN, 2017.